

O MARAVILHOSO PLANO DE DEUS

Gênesis 39

É provável que todos já tenhamos ouvido a declaração: “Deus o ama e tem um plano maravilhoso para a sua vida.” Mas as realidades da vida pressionam sem trégua: doença, dor, relacionamentos quebrados, abuso, sonhos despedaçados, tentação, pecado, morte. Então, onde estaria esse maravilhoso plano para minha vida? O que, nessa terra bendita, Deus estaria planejando? Na verdade essa é uma grande questão. Quando examinamos o que Deus está fazendo em nossas vidas, descobrimos que seu *plano bom* não é um plano que necessariamente implique tranquilidade e conforto para nós, e sim, um plano para nossa morte e ressurreição — morte para o pecado e para nosso velho “eu”, e ressurreição para toda uma nova vida em Cristo. Ele o ama e ama a mim também, com amor tão grande que não poderia nos deixar sem transformação. Como José descobriu, esse processo é, muitas vezes, difícil e doloroso, e o caminho a que fomos chamados para trilhar poderá ser semelhantemente confuso e desalentador.

Ao longo desse difícil caminho, José descobriu que o Senhor estava com ele, mesmo quando ele se sentiu mais abandonado e sozinho. À luz da experiência de José no Egito, nós também poderemos descobrir que mesmo quando o maravilhoso plano de Deus nos leva às provações e à tentação, a sua graça é suficiente para nós.

O PLANO MARAVILHOSO DE DEUS PARA JOSÉ

José deve ter crescido ouvindo muito sobre o maravilhoso plano de Deus para sua vida. Ele era filho favorito em uma família favorecida. O Senhor havia chamado seu bisavô, Abraão, para ser pai de seu povo escolhido, aquele por meio de quem viria a bênção a todas as nações (Gn 12.1-3). O seu próprio pai, Jacó, o tinha sido escolhido como herdeiro dessa bênção em um oráculo dado antes mesmo dele nascer (25.22-23). Contudo o caminho de Jacó para receber essa bênção foi longo e tortuoso, complicado por seu próprio pecado e pelo pecado de outros contra ele.

José agora era, por sua vez, o filho favorecido, nascido de Raquel, esposa predileta de Jacó, protegido e mimado pelo pai desde os primeiros dias. A túnica ricamente ornamentada que vestia era símbolo de sua alta posição na família. E esse não era apenas o plano maravilhoso do pai para a sua vida. Enquanto ainda bem jovem, o Senhor mandou a José dois sonhos em que ele era parte central. No primeiro sonho, os feixes dos irmãos se curvaram a ele enquanto faziam a colheita, e no segundo sonho, todo o universo — sol, lua e estrelas — veio se inclinar para ele. Se alguém tinha razão para dizer: “Deus me ama e tem um plano maravilhoso para minha vida,” certamente era José.

FOI DESVIADO O PLANO DE DEUS?

De repente, tudo na vida de José começou a dar errado de modo horrível. O seu pai mandou que visitasse os irmãos que vigiavam seus rebanhos (Gn 37.14). Quando os irmãos o viram vindo à distância, conspiraram matá-lo (37.18). Só quando por acaso apareceram uns mercadores midianitas foi que revisaram o plano com um esquema para ganhar algum dinheiro (37.28). Venderam José a esses mercadores, que o levaram ao Egito, onde ele foi comprado por um oficial egípcio de nome Potifar (37.36). O plano maravilhoso de Deus para a vida de José parecia despedaçado por uma combinação de ciúmes e avareza humana. Onde estava Deus nos momentos cruciais da vida de José, quando seus sonhos estavam sendo descarrilados? Com certeza, José teria ponderado essa questão muitas vezes

descendo pelo caminho para o Egito e durante os dias em que viveu escravo em uma casa egípcia. Contudo, o narrador, surpreendentemente reticente quanto a identificar o papel de Deus no restante da história de José, interrompe para nos informar nada menos que cinco vezes nos primeiros cinco versículos de Gênesis 39, que o Senhor estava com ele no Egito, dando-lhe sucesso, fazendo com que encontrasse favor com seu novo patrão. Ele quer certificar-se de que não percamos o ponto de que só porque a vida é dura e não acontece tudo conforme nós esperamos, isso não significa que Deus esteja contra nós, nem que seu maravilhoso plano para nossa vida tenha sido arruinado. Deus pode estar conosco no Egito, na escravidão e em um conjunto de circunstâncias frustrantes em que experimentamos as consequências dos pecados de outras pessoas contra nós, do mesmo modo que ele está conosco nos dias mais ensolarados em Canaã, onde tudo parecia ir de acordo com o (nosso) plano. De fato, José começou a incorporar a promessa abraâmica de ser uma bênção às nações, precisamente nessa situação de provação e perda: tudo que o seu mestre egípcio confiava a ele para fazer prosperava por amor de José (Gn 39.5). Conforme o versículo três, Potifar reconheceu o que estava acontecendo: vi que o Senhor estava com José. O doloroso “desvio” de José acabou sendo uma maravilhosa oportunidade para que esse egípcio específico pudesse ver o Senhor operar.

Talvez você consiga se relacionar a isso. Quem sabe esteja tratando de situação difícil e desafiadora em sua vida: experimenta dolorosas provações que mudaram radicalmente suas perspectivas para o futuro, condenando-o a uma vida que jamais teria escolhido para si. O que Deus está fazendo? Talvez ele use o seu sofrimento para levá-lo a contato com alguém que necessite ver o Senhor operar. Talvez seja um colega paciente ou enfermeiro ou médico na clínica de câncer, ou quem sabe, um vizinho ou amigo que observa como você suporta essa provação. Talvez haja alguém próximo a você que precise ver como parece “o Senhor está conosco” em meio ao sofrimento, à dor e às perdas. Uma coisa é declarar que “o Senhor está conosco” quando não há nuvens no seu céu. É outra bem diferente poder confessar que “o Senhor está conosco” no vale de profundas sombras.

A SUBIDA E QUEDA DE JOSÉ

Mas as viradas e torcidas nos planos do Senhor para José não acabaram. José tornou-se gerente da casa de Potifar, o que representou uma subida meteórica para um escravo (Gn 39.4). Até aqui, tudo segue a linha da história na qual queremos crer: sirva a Deus e tudo vai dar certo para você. Você será abençoado — como também todos à sua volta. Mesmo que tenha de passar por dificuldades, as suas provações serão apenas temporárias e produzirão novas e empolgantes oportunidades de compartilhar o evangelho. Talvez você adoça, mas Deus vai curá-lo, fazendo com que tudo dê certo. Um relacionamento poderá ser quebrado ou destruído, mas algo novo e melhor o aguarda na virada da esquina. Não é isso que significa Deus estar conosco?

A história de José nos mostra uma visão diferente dessa realidade. Tão rapidamente quanto subiu o navio da sorte de José, igualmente bateu numa pedra e naufragou. Ele se encontrou de novo no degrau mais baixo do monturo, numa cadeia egípcia (Gn 39.20). Pior, essa virada da sorte não veio devido a uma falha moral da parte dele. Pelo contrário, foi por sua fiel obediência a Deus, exatamente aquilo que aparentemente causou a sua subida, que agora causava sua derrocada.

A história de como aconteceu é bastante conhecida. José era homem bem-apegoado, característica da família que compartilhava com sua avó, Sara, e sua mãe, Raquel (Gn 12.11; 29.17). A mulher de Potifar observou como ele era atraente e o desejou (39.7). A tentação

que se apresentou a José foi repentina, real e direta. Essa história é muito mais parecida com uma tentativa de estupro do que uma sedução. Afinal de contas, era José, o belo, não a mulher de Potifar, e ela não o atraiu com palavreado doce. Simplesmente ordenou a José: “Venha para a cama comigo!” (39.7, NVI). Não era um pedido; era uma ordem. Foi dito no mesmo tom de voz que ela daria para mandar que ele endireitasse as poltronas ou tirasse o pó dos móveis. Ele era o escravo; ela era a patroa. É a tentação que vem quando alguém que tem poder sobre você manda que negue sua fé ou sofra as consequências. Pode ser um chefe que ameaça despedi-lo, ou um membro abusivo da família que o sujeita a ferimentos físicos ou emocionais se não fizer o que ele manda. Numa situação dessas, teria sido fácil José racionalizar uma concordância pecaminosa como única opção viável.

Ceder seria fácil e protetor de si; recusar quase certamente teria repercussões negativas. Afinal de contas, o inferno não tem maior fúria do que mulher rejeitada. Mas José não cedeu. Ele explicou à mulher de Potifar que essa traição seria abuso da confiança colocada sobre ele por Potifar, e continuou com a razão mais profunda e importante que não o poderia fazer: seria pecado contra Deus (Gn 39.9).

Levar Deus ao quadro mostra a consciência que José tinha da presença do Senhor com ele, mesmo nessa situação quase impossível. Ele não pôs sua fé de lado quando enfrentava os desafios de viver “no mundo real”. Em vez disso, quando calculou a folha de contabilidade, viu claramente que a escolha que enfrentara naquele instante seria entre satisfazer a mulher de seu patrão ofendendo a Deus, ou satisfazer a Deus ofendendo a mulher de seu patrão. Fez a escolha certa, não somente uma ou duas vezes, mas repetidamente, enquanto ela o confrontava dia após dia (Gn 39.10).

O SEGREDO DO SUCESSO DE JOSÉ

Como foi que José conseguiu, quando tantas vezes nós falhamos e caímos em diante de tentações muito menores? Às vezes dizemos não com sucesso uma ou duas vezes, mas mais cedo ou mais tarde, Satanás ganha pelo desgaste persistente. Não foi o caso de José. Porém, não existe grande segredo para vencer a tentação aqui. Com certeza, José se esforçou para evitar situações de tentação não ficando sozinho com a mulher de Potifar. Mas tal abordagem trata meramente dos fatores externos, não do coração. Por mais cuidadosos que sejamos, mais cedo ou mais tarde, a tentação nos vem de alguma ou de outra forma.

No fim, a única defesa de José contra o pecado foi um coração que desejava agradar a Deus mais do que experimentar prazer ou evitar a dor. É esse nosso problema verdadeiro. Minhas circunstâncias difíceis não são o que me levam a pecar. Outras pessoas não me forçam a pecar. As outras pessoas que me convidam a participar do mal com elas não me fazem pecar. Meu próprio coração me induz a pecar porque deseja algo mais do que agradar a Deus. Tiago faz a pergunta: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?” (Tg 4.1) A resposta não está nas pessoas impossíveis com as quais você tem de conviver, nem nas circunstâncias difíceis que nos cercam.¹ O problema é que queremos algo mais do que desejamos Deus. Por que eu me zango quando luto para escrever um sermão, e na sexta-feira à noite só tenho um monte de palavras vazias? Não seria porque me preocupo tanto com as necessidades espirituais de minha congregação e temo carinhosamente por suas almas. Quisera que fosse isso, mas não é. É porque não quero ter de me levantar cedo no sábado para reescrever tudo. Prefiro ficar na cama. É porque tenho medo de que ainda

¹ Ver, de Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands: People in Need of Change Helping People in Need of Change* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2002), 77-78.

seja um monte de palavras vazias no domingo, e que ninguém saia bem impressionado com minha capacidade como pregador. Meu coração orgulhoso e autocentrado tem seu próprio plano maravilhoso para minha vida, plano esse que não envolve tentação, lutas e sofrimento — um plano em que todo mundo se curva para mim e me glorifica. Quero pensar que a pregação é uma habilidade pela qual posso receber todo o crédito. Eu me ressinto ao ser lembrado de que sou mero mensageiro (rapaz de recados) que depende totalmente de Deus por qualquer coisa que valha a pena dizer.

O mesmo acontece com você. Qualquer que seja o pecado que você enfrenta, quer seja orgulho, lascívia, mexericos, comer em excesso ou qualquer outra coisa, o seu poder vem do fato de que você quer algo mais do que deseja Deus, e esse pecado parece oferecer um jeito de conseguir isso. Se José tivesse valorizado sua segurança, seu conforto e sua posição na casa mais do que amava a Deus, teria cedido à mulher de Potifar. É simples assim.

RESISTIR AO PECADO

Pelo menos, ceder ao pecado é simples assim. Resistir ao pecado é uma história totalmente diferente. Se o problema for com nossos corações e não nossas circunstâncias, resisti-lo requer mais do que simplesmente manter distância, que é algo que conseguimos fazer por nós mesmos. Não podemos simplesmente decidir virar a folha e parar de pecar; precisamos receber um novo coração, com novos desejos.

Se houver apenas uma lição a aprender da experiência de Israel do Antigo Testamento, é esta: não basta ter a lei perfeita de Deus e uma poderosa experiência da sua libertação. Como o Senhor lembrou a Israel por meio dos profetas, eles careciam de novos corações (Jr 31.33; Ez 36.26). Finalmente, a razão pela qual José foi capaz de dizer não a uma tentação tão poderosa, foi pela obra de Deus. Assim como a sua presença com José o capacitou a prosperar em tudo o que fazia na casa de Potifar, assim também foi porque o Senhor estava com ele que ele pôde dizer: “Como eu poderia fazer isso e pecar contra Deus?” Tal ideia não veio dele mesmo — veio de Deus.

O Senhor era soberano sobre todos os aspectos da vida de José. O plano de Deus para a vida dele incluiu a tentação, assim, ele dirigiu as circunstâncias que expuseram-no a ela de modo poderoso. Poderia ter facilmente garantido que Potifar e sua mulher fossem um casal bem-casado, ou que José tivesse nascido feio. Mas não fez isso, porque uma parte da história de José incluiria enfrentar e resistir à tentação. Deus o levou a essa tentação e, neste caso, ele passou por ela ileso.

A ACUSAÇÃO CONTRA JOSÉ

No entanto, fazer o certo não resolveu o problema de José. Dia após dia, a mesma tentação o confrontava, e por mais que se esforçasse para evitá-la — recusando-se até mesmo a ficar sozinho com ela na casa (Gn 39.10) — a tentação estava sempre ali. Finalmente, a mulher de Potifar fez mais uma tentativa. Esperou pegá-lo a sós, agarrou a sua túnica, e mandou que ele fosse com ela para a cama! (39.12).

Com essa espécie de tentação na cara, só havia uma coisa a fazer — corra para sua vida. Assim, José fugiu, deixando sua roupa externa para trás (39.13). Não pela primeira vez na vida, descobriu sua própria roupa usada contra ele. Os seus irmãos tinham usado sua túnica talar para convencer o pai de que tinha sido morto por um animal selvagem. Agora sua capa foi usada pela mulher de Potifar como evidência de que ele a tinha atacado. Potifar ficou com a escolha indesejável de ficar do lado do escravo e expor sua esposa como

mentirosa ou livrar-se de José. Escolheu o último, embora o fato de apenas ter lançado-o na prisão sugere que não acreditou totalmente na história que sua mulher contara. O castigo normal para uma ofensa dessas seria a pena de morte, com execução imediata.²

Provavelmente esse seria consolo gelado para José, que estava na cadeia, mais uma vez no fundo do poço, falsamente acusado e julgado como culpado de crime terrível. Certamente, nessa altura, a segunda tentação, e mais difícil, veio a José: a tentação de sentir-se abandonado por Deus. Afinal de contas, ele havia agido corretamente, fazendo o que era certo. Havia resistido à tentação, mas o Senhor, longe de protegê-lo, ficou de lado e permitiu que se fizesse uma grande injustiça contra ele. Onde está Deus quando realmente precisamos dele? Claro, essas circunstâncias revelam a verdade sobre nossos corações. Se estivermos fazendo o que é certo por acharmos que ganharemos o seu favor por mérito, ou que o forçaremos a nos dar aquilo que realmente queremos, então, quando nossa “fidelidade” não parece estar dando certo, ficamos ressentidos, amargos e irados. Se estivermos obedecendo-lhe para obter algo em troca, esse “algo”, na verdade, controla nossos corações, e não Deus. Talvez você pense que, se der o dízimo fielmente, ele na verdade terá de fazer sua empresa prosperar, ou se você tem e cumpre o compromisso de manter a pureza sexual, Deus é obrigado a lhe dar um cônjuge.

Frequentemente, nossa obediência à lei de Deus não é para agradá-lo, mas trata da tentativa de usá-lo para obter aquilo que realmente queremos. A verdade é revelada sempre quando ele não nos dá aquilo que queremos: nossa ira e nossos ressentimentos revelam para que estamos realmente servindo a Deus. Como o irmão mais velho na história do Filho Pródigo (Lc 15.25-32), talvez tenhamos obedecido de modo escrupuloso, sem nunca ter realmente amado. Nossa obediência foi, na verdade, a respeito de servir nosso próprio orgulho e transmitir a imagem de nós mesmos como aquele que era o justo e obediente da família.

DEUS ESTÁ TRABALHANDO

Para José, contudo, parece não haver ressentimento e ira. Mesmo que mais uma vez ele se encontrasse na mais baixa situação, ele viu que o Senhor estava ali com ele em meio à lama e confusão da vida na prisão (Gn 39.21). Deus não rasgou os céus, descendo para explicar a José como esse episódio de sofrimento se encaixaria no plano do mestre divino

Se bem que se encaixou perfeitamente. Se José não tivesse sido falsamente acusado pela mulher de Potifar, não teria acabado preso. Se não estivesse preso, nunca teria se encontrado com os servos de Faraó e jamais poderia ter salvado o Egito e a sua própria família ao vir o tempo de grande fome. Muito mais tarde, José poderia olhar para trás e traçar o intrincado modelo do que Deus estava fazendo através de seu sofrimento. Mas naquela hora, ele foi deixado na prisão sem respostas às suas perguntas. Ali na prisão, porém, nas profundezas de uma situação que poderia tê-lo lançado ao completo desespero, o Senhor estava com ele, abençoando-o e fazendo prosperar tudo o que ele fazia, abençoando também outros ao seu redor.

Não houve resposta às suas perguntas quanto ao curso de sua vida, exceto “Estou com você.” Foi o que Deus havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó, e era isso que José experimentou: a fiel presença de Deus, junto com ele no calabouço, tanto quanto quando esteve nos momentos de grande sucesso e triunfo.

Existe mais uma coisa que precisamos observar a respeito da experiência de José: o sinal de Deus estar conosco não é nosso sucesso, nem mesmo em resistir à tentação. O

² Claus Westermann, *Genesis 37–50* (Minneapolis: Fortress, 2002), 67.

perigo deste capítulo é que todos nós queremos emular o sucesso de José ao resistir à tentação, mas talvez sem ter de sofrer consequências semelhantes. Queremos também ser capazes de dizer não ao pecado nas circunstâncias mais difíceis, sob pressão de tentação repetida e insistente. Claro, o domínio próprio de José é mais impressionante ainda quando lembramos a falta de controle de si mesmo, que Judá demonstrou sob provocação muito menos extrema no capítulo anterior. Tamar não precisava se jogar repetidamente sobre o caminho de Judá para mandá-lo pecar. Só precisou vestir-se como prostituta, sentar no lugar certo, e o resto seguiu naturalmente (Gn 38.14-18).

Ao lermos este capítulo, queremos saber como podemos ser, como José, capazes de resistir a uma tão notável tentação, quando em nossas vidas diárias frequentemente nos encontramos desviados muito mais facilmente, como Judá. O que deixamos de perceber neste processo é o fato de que Deus não estava operando na vida de José porque este lhe obedeceu e resistiu à tentação, enquanto ausente da vida de Judá porque este cedeu à tentação e caiu em pecado. Temos a tendência de achar que Deus com certeza amava mais a José por ele ser um herói tão digno, e deve ter sido grande a decepção com Judá porque ele foi tão perverso perdedor. Transferimos essa ideia à nossa própria experiência: de que Deus realmente nos ama quando obedecemos e resistimos à tentação, e nos odeia, ou pelo menos está decepcionado conosco, quando pecamos. Verdade é que Deus odeia o pecado. Mas se existe uma lição central na história de José, é que Deus usa até as coisas que odeia para atingir alvos que ele ama. Não opera somente em e por meio de José, como também em e por meio de Judá. Afinal, o Messias viria pela linhagem de Judá.

O Senhor sabia exatamente o que haveria de acontecer quando soberanamente trouxe tanto Judá quanto José sob tentação. Sabia de sua graça, José se lembraria e ficaria de pé, enquanto Judá se esqueceria e cairia, e que ele usaria os dois acontecimentos para realizar seus santos propósitos. José permaneceria como um exemplo vivo e ativo de 1Coríntios 10.13: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”.

Enquanto isso, Judá seria exemplo vivo, que respirava, de 2Coríntios 12.9: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Sim, alguém que peca e cai de modo tão espetacular ainda pode ser incorporado ao povo e plano de Deus. Do mesmo modo, Deus usará o seu pecado para humilhá-lo e fazê-lo apreciar a graça que ele derrama de modo que você jamais poderia conhecer se sempre fosse capaz de ficar firme em face da feroz tentação.

GRAÇA E MISERICÓRDIA

É essa experiência de graça e misericórdia que aumenta mais nosso amor pelo Senhor e por sua glória. Com certeza, podemos aprender através das lutas e êxitos dos outros, mas as nossas próprias provações e fracassos nas tentações com frequência têm o efeito de nos causar descanso no Senhor muito mais intensamente do que jamais aprenderíamos durante os bons tempos. Queremos viver vidas cristãs vitoriosas no meio de dificuldades, como fez José, mas muitas vezes o plano maravilhoso do Senhor para nós é mostrar-nos a confusa realidade que precisamos tão desesperadamente ver. Precisamos da surpreendente graça de Deus. Não necessitamos dele apenas como nosso copiloto — como alguém que nos assista a fim de que alcancemos todo nosso potencial. Precisamos de Deus como nosso Salvador, aquele que provê um dom gratuito de justiça, que jamais poderíamos atingir por nós mesmos, para os miseráveis pecadores culpados que somos.

O que Deus estava fazendo na vida de José? Seus sonhos nunca foram simplesmente a respeito de sucesso pessoal e proeminência na família. Eram a respeito de José tornar-se sinaleiro do evangelho, um meio, afinal, pelo qual a promessa de Deus a Abraão se tornasse realidade. O Senhor estava com ele, capacitando-o a ser bênção aos egípcios no meio de sofrimento, da traição e tentação imerecidos — não apenas para se tornar exemplo para que o imitássemos (embora ele seja isso), mas que fosse o exemplar que apontasse para Jesus. Este foi o único homem verdadeiramente justo, o único que sofreu inteiramente sem ter culpa própria. Ele experimentou tentação muito maior do que a que José enfrentou algum dia. O Espírito levou Jesus ao deserto para enfrentar toda a força dos ataques de Satanás, e aquele o fez perfeitamente (Mt 4). José pode ter resistido à tentação nesta situação, mas não estava isento de pecar. Sem dúvida, havia vezes em que perdia toda a esperança e se entregava à autopiedade ou ira. Certamente houve tempos quando José não afirmava: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem”. Contudo, em seus momentos de brilhante fidelidade, José aponta além de si mesmo para Jesus. O propósito desta passagem não é fazer com que perguntemos nos tempos de tentação: “O que José faria?” Seu propósito é encorajar-nos a ponderar o que *Jesus já fez* em nosso lugar. Voluntariamente, Cristo veio para a escravidão e o sofrimento deste mundo para servir e abençoar a humanidade. O Pai estava com ele, e a sua presença foi uma bênção das boas-novas do reino de Deus (Lc 4.18). Ele enfrentou a poderosa tentação de escolher seu próprio caminho no mundo, ignorando a cruz em vez de submeter-se humildemente ao maravilhoso plano de Deus para sua vida. No entanto, rejeitou tal oferta, dizendo a Satanás: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10). Ele o fez com o pleno conhecimento de que o maravilhoso plano do Senhor para sua vida o levaria até a profunda escuridão da cruz. Onde estava Deus no dia em que Jesus sofreu sobre a cruz?

A resposta é que nós — toda a humanidade pecadora — intentávamos para o mal. Queríamos acabar com aquele que era sem pecado, cujo crime único era ser o que os humanos foram feitos para ser desde o começo. Contudo, Deus intentou que nosso pecado fosse para o bem, como parte de seu maravilhoso e santo plano de redenção. O Pai permitiu que o Filho fosse falsamente acusado e falsamente condenado, pecaminosamente abusado e assassinado. Na verdade, na cruz, o próprio Pai tratou o Filho como um rejeitado condenado, maculado com as formas mais tenebrosas do pecado. Aquele que nunca fizera nada senão amar e servir a Deus foi condenado a experimentar as agonias do inferno, sozinho na escuridão, abandonado pelo próprio Pai.

Naquele terrível momento, o Pai não estava com Jesus, para que este pudesse estar conosco para sempre. Jesus carregava ali a nossa maldição. Como resultado, a penalidade por todas aquelas vezes em que nos juntamos a Judá, nos mergulhando de cara no pecado, em vez de ficar ao lado do fiel José — foi plenamente paga. No lugar dela, fomos agora creditados com a perfeita justiça de Cristo, que suportou toda tentação em nosso lugar. Por suas feridas, somos sarados. Por sua justiça, nossa imundície é resolvida, plena e finalmente, para que o sorriso do Senhor repouse sobre nós para sempre, por seu amor.

Esta verdade nos dá segurança, dando-nos esperança quando enfrentamos as horas mais escuras do plano de Deus para nossas próprias vidas. É provável que tenhamos de sofrer nesta vida, e enquanto a sofremos, pode ser que sejamos tentados a acreditar que ele esteja zangado conosco ou tenha nos abandonado. Nada poderia estar mais longe da verdade. Deus derramou toda sua ira contra nosso pecado sobre Jesus, que quer dizer que nossos sofrimentos presentes só podem ter propósito redentivo, ensinando-nos a morrer para o pecado e conduzir os outros a ver e conhecer o Deus que conhecemos em Jesus

Cristo. Conforme o Senhor nos permite, esta verdade também nos ajudará a dizer, em face da tentação, como José: “como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” Mesmo quando deixamos de fazer isso e cedemos novamente ao pecado sob provocação muito menor do que a que José sofreu, este evangelho nos lembra de correr novamente para Jesus, o grande Pastor de todas as ovelhas que se desviaram, ali encontrando novo suprimento de graça e misericórdia. Deus nos ama mais vivamente, mais profundamente, do que poderíamos jamais imaginar. Ele está conosco e nunca nos deixará nem nos abandonará. Tem maravilhosos planos de estar conosco em meio aos nossos sucessos ou nossos fracassos, nas nossas alegrias e nas provações, santificando-nos até mesmo em nossos mais profundos infortúnios. Portanto, quaisquer provações e tentações que nos sobrevenham, podemos estar certos de que o soberano Senhor os intenta maravilhosamente para o bem e para a sua glória.

PARA REFLETIR

1. Como a situação de José continuou piorando cada vez mais? Como José respondeu às provações e tentações?
2. Quando você enfrenta provações e tentações, você põe sua esperança nas mudanças de circunstâncias ou na promessa dos bons propósitos de Deus?
3. Em face da tentação, quando foi que você falhou em fazer o que era certo? Quando foi que sofreu por fazer o que era certo?
4. Você já esteve zangado ou decepcionado com Deus por ele não ter recompensado a sua fidelidade? O que isso revela sobre as suas motivações para a obediência?

Capítulo 4 do livro *A firme esperança – O evangelho segundo José*, de Iain M. Duguid e Matthew P. Harmon Editora Cultura Cristã